



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Silva Alvarenga

O Desertor



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O Desertor
Silva Alvarenga

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1774.

Livro Digital nº 374 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Poesia - Literatura Brasileira.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga
(1749-1814)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O DESERTOR

POEMA HERÓI-CÔMICO



LOUVOR E NATIVISMO EM SILVA ALVARENGA

A segunda metade do século XVIII já podemos apontar na obra poética de Manuel Inácio da Silva Alvarenga uma atitude de transição entre o espírito servil e bajulador e o espírito independente dos autores da Literatura Brasileira colonial em relação aos mandatários e poderosos de Portugal. E tal atitude associa-se ao enriquecimento progressivo do sentimento nativista. Mas é preciso acentuar que, no caso particular de Silva Alvarenga, está definida, antes de tudo, uma posição crítica assumida em face de uma temática encomiástica, como uma das expressões do estilo dominante. É o que deduzimos da leitura das quintilhas "Ao vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza no dia de seus anos". É jocoso o tom da composição citada, sob uma aparência séria, para exprimir verdade crítica — e crítica satírica — primeiro ao gosto geral da época, do elogio regular e obrigatoriamente dirigido aos mandatários da época e, em segundo lugar, ao artificialismo formal e temático que resultava em especial desse tipo de poesia laudatória:

*Musa, não sabes louvar
E por isso neste dia,
Entre as vozes d'alegria,
Não pretendo misturar
Tua rústica harmonia.*

*Tens razão, mas não escuto
Os teus argumentos belos:
Por mostrar nossos desvelos
Demos o anual tributo
Ao ilustre Vasconcelos.*

E passa a sugerir os modelos — Camões, por exemplo, e as formas poéticas: odes, sonetos, canções, idílios, acrósticos, assim como o vocabulário e a expressão, em suma:

*Se acaso a ode te agrada,
Para aterrar teus rivais.
Tece em versos desiguais
Crespa frase entortilhada,
Palavras sesquipedais.*

*Co'as virtudes, co'as ações
Do nosso herói não te metas:
Basta que a obra dilates,
Dividida em pelotões,
Por sonoros disparates.*

*Hão de rir de Jove as filhas,
Marte horrendo e furibundo,
E com saber mais profundo,
Traze as sete maravilhas,
Que ninguém achou no mundo.*

Sob o aspecto indicado, comprovado pelas estrofes transcritas, a composição é, no seu conjunto, um verdadeiro documento de afirmação inicial de reação crítica não tanto à poesia encomiástica como ao artificialismo do gosto poético dominante e de remanescentes culteranistas, visando até certo ponto à atitude criadora independente e de conteúdo poético autêntico. Contudo, Silva Alvarenga não conseguiu fugir às solicitações do meio e cultivou, com toda a solenidade "acadêmica" ou "arcádica", a atitude poética por ele mesmo satirizada, certo que com dignidade e sentimento nativista suficiente para reconciliá-lo com o juízo crítico e histórico da posteridade. Considere-se, no caso, a canção intitulada "Apoteose poética — A Luiz de Vasconcelos e Souza — Vice-rei e capitão-general-de-mar-e-terra do Brasil — Oferecida no dia 10 de Outubro de 1785", escrita em tom épico camoniano em exaltação daquele mesmo a quem dirigiu as quintilhas cuja atitude crítica

acabamos de ressaltar. Mas, como atenuante, vemos aí que de fato o poeta se afasta o quanto possível do tom exageradamente laudatório e convencional do gosto da época. Se exalta, então, origem nobre e ilustre do homenageado, muito mais, porém, se preocupa em sugerir-lhe atos de um bom governo, justo, industrioso, de paz e prosperidade. Igualmente aponta o que ele de fato fez entre nós, como se esboçasse assim já uma expressão de orgulho e reconhecimento nativista, sem dar maior relevo à maneira predominante de apresentar o "herói" através de sua ascendência e com juízos, conceitos, comparações vagas, incaracterísticas.

Dir-se-ia, então, que o poeta não pôde evitar as limitações impostas pelos valores de sua época, sobretudo por aqueles definidos pelo prestígio, respeito e temor da nobreza despótica. E é assim que também pode ser justificada a sua atitude na composição — "A tempestade — No dia dos anos da rainha dona Maria I, em 17 de dezembro do 1797" de evidente valor autobiográfico, expressão que deve ter sido das condições em que se encontrou o poeta depois do fechamento da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, por motivos políticos e ideológicos. Mas parece que a sua maior preocupação é ser sincero, enaltecendo as virtudes e o progresso da inteligência ou elogiando o mérito incontestável, como na ode "À mocidade portuguesa — Por ocasião da reforma da Universidade de Coimbra" ou em outra composição ainda dirigida a D. Luiz de Vasconcelos Souza, a ode "O recolhimento do parto", de 12 de outubro de 1788, em que é evidente a preocupação de não passar por um lisonjeador servil.

Nestas e em outras composições encomiásticas, corre paralelo o sentimento nativista, como expressão de afirmação de uma "consciência pátria", da indicação, em relevo, e o quanto possível assimilado pelo estilo arcádico, de aspectos caracterizadores de nossa paisagem quase que o reconhecimento do nosso destino político não mais como expressão de um simples prolongamento da Monarquia Lusitana, o que antes nos alimentava aquela consciência de inferioridade acima referida. Veja-se, por exemplo, a ode "A Inauguração da estátua equestre do rei D. José I".

Mas é em dois idílios "O templo de Netuno" e "A gruta americana", ambos dirigidos a José Basílio da Gama, e em que, agora, o propósitolouvaminheiro cede lugar ao culto da amizade, tão do gosto arcádico, que se acentua melhor a atitude indicada, isto é, a poesia encomiástica, tomada no seu mais amplo sentido, corroborada pelo sentimento nativista. Na primeira, é a despedida do poeta, que, de Portugal, onde cursou a Universidade de Coimbra, regressa à pátria, como satisfação ao apelo do seu sentimento:

*Amor, o puro amor do patrioninho
Há muito que me acena e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul Ido deus marinho.*

E esta atitude anuncia, entre nós, a temática do "amor da pátria" e "da amizade", logo mais frequente entre os poetas da segunda fase do nosso Arcadismo, já acentuadamente pré-romântico, como José Bonifácio de Andrada e Silva e Domingos Borges de Barros. A segunda composição carrega de fato a expressão nativista nos traços da paisagem americana evocada, transpondo para o seu seio, resultado de recursos estilísticos arcádicos, deuses e ninfas que convivem harmoniosamente com os elementos selvagens ou primitivos que a caracterizam. Ao mesmo tempo confirma, possivelmente com intenções políticas, o sentimento de fidelidade da "lusa-américa" à Monarquia Portuguesa, como se lê no final do idílio:

*Ide, sinceros votos,
Ide, e levai ao trono lusitano
Destes climas remotos
Que habita o forte e adusto e Americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor, o sangue e a própria liberdade.*

JOSÉ ADERLARDO CASTELLO
Suplemento Literário, dezembro de 1957.

DISCURSO SOBRE O POEMA HERÓI-CÔMICO

A imitação da Natureza, em que consiste toda a força da Poesia, é o meio eficaz para mover, e deleitar os homens; porque estes têm um inato amor à imitação, harmonia e ritmo. Aristóteles, que bem tinha estudado a origem das paixões, assim o afirma no capítulo 4º da *Poética*. Este inato amor foi o que logo ao princípio ensinou a imitar o Canto das Aves: ele depois foi o inventor da Flauta, e da Poesia, como felizmente exprimiu Lucrécio, no liv. 1º v. 1378.

*At líquidas avium voces imitarier ore
Ante fuit multo, quam levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, aureisque juvare.
Et Zephyri cava per calamorum sibila primum
Agrestes docuere cavae inflare cicutas.*

O prazer, que nos causam todas as artes imitadoras, é a mais segura prova deste princípio. Mas assim como o sábio pintor para mover a compaixão não representa um quadro alegre, e risonho, também o hábil poeta deve escolher para a sua imitação ações conducentes ao fim que se propõe: por isso o épico, que pretende inspirar a admiração, e o amor da virtude, imita uma ação na qual possam aparecer brilhantes o valor, a piedade, a constância, a prudência, o amor da pátria, a veneração dos príncipes, o respeito das leis, e os sentimentos da humanidade. O trágico, que por meio do terror, e da compaixão deseja purgar o que há de mais violento em as nossas paixões, escolhe ação, onde possa ver-se o horror do crime acompanhado da infâmia, do temor, do remorso, da desesperação, e do castigo: enquanto o cômico acha nas ações vulgares um dilatado campo à irrisão, com que repreende os vícios.

Qual destas imitações consegue mais depressa o seu fim, é difícil o julgar, sendo tão diferentes os caracteres, como as inclinações; mas quase sempre o coração humano, regido pelas leis do seu amor próprio, é mais fácil em ouvir a censura dos vícios, do que o louvor das virtudes alheias.

O poema chamado herói-cômico, porque abraça ao mesmo tempo uma e outra espécie de poesia, é a imitação de uma ação cômica heroicamente tratada. Este poema pareceu monstruoso aos críticos mais escrupulosos; porque se não pode (dizem eles) assinar o seu verdadeiro caráter. Isto é mais uma nota pueril, do que bem fundada crítica; pois a mistura do heroico, e do cômico não envolve a contradição, que se acha na tragicomédia, onde o terror, e o riso mutuamente se destroem.

Não obsta a autoridade de Platão referida por muitos; porque quando este filósofo no Diálogo 3º da sua *República* parece dizer que são incompatíveis duas diversas imitações, fala expressamente dos autores trágicos e cômicos, que jamais serão perfeitos em ambas.

Esta poesia não foi desconhecida dos antigos. Homero daria mais de um modelo digno da sua mão, se o tempo, que respeitou a *Batracomiomaquia*, deixasse chegar a nós o seu *Margites*, de que fala Aristóteles no capítulo 4 da *Poética*, dizendo que este poema tinha com a comédia a mesma relação que a *Iliada* com a tragédia. O *Culex*, ou seja de Virgílio, ou de outro qualquer, não contribui pouco para confirmar a sua antiguidade.

Muitos são os poemas herói-cômicos modernos. A *Secchia rapita* de Tassoni é para os italianos o mesmo que o *Lutrin* de Boileau para os Franceses, e o *Hudibraz* de Butler, e o *Rape of the lock* de Pope para os ingleses.

Uns sujeitaram o poema herói-cômico a todos os preceitos da epopeia, e quiseram que só diferisse pelo cômico da ação, e misturaram o ridículo, e o sublime de tal sorte, que servindo um de realce a outro, fizeram aparecer novas belezas em ambos os gêneros. Outros omitindo, ou talvez desprezando algumas regras, abriram novos caminhos à sua engenhosa fantasia, e mostraram disfarçada com inocentes graciosidades a crítica mais insinuante, como M. Gresset no seu *Ververt*.

Não faltou quem tratasse comicamente uma ação heroica; mas esta imitação não foi também recebida, ainda que a paródia da *Eneida*, de Scarron, possa servir de modelo.

É desnecessário trazer à memória a autoridade, e o sucesso de tão ilustres poetas para justificar o poema herói-cômico, quando não há quem duvide que ele, porque imita, move e deleita: e porque mostra ridículo o vício, e amável a Virtude, consegue o fim da verdadeira poesia.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.

Horat. *Poet.* v. 342

*Discit enim citiùs, meminitque libentius illud,
Quod quis deridet, quam quod probat, ac ve-
neratur.*

Horat. *Epist.* I. l. 2. v. 262



CANTO I

Musas, cantai o Desertor das letras,
Que, depois dos estragos da Ignorância,
Por longos, e duríssimos trabalhos
Conduziu sempre firme os companheiros
Desde o louro Mondego aos Pátrios montes.
Em vão se opõem as luzes da Verdade
Ao fim, que já na ideia tem proposto:
E em vão do Tio as iras o ameaçam.

E tu, que à sombra duma mão benigna,
Gênio da Lusitânia, no teu seio
De novo alentas as amáveis Artes;
Se ao surgir do letargo vergonhoso
Não receias pisar da Glória a estrada,
Dirige o meu batel, que as velas solta,
O porto deixa, e rompe os vastos mares
De perigosas Sirtes povoados.

Quais seriam as causas, quais os meios
Por que Gonçalo renuncia os livros?
Os conselhos, e indústrias da Ignorância
O fizeram curvar ao peso enorme
De tão difícil, e arriscada empresa.
E tanto pode a rústica progênie!

A vós, por quem a Pátria ativa enlaça
Entre as penas vermelhas, e amarelas
Honrosas palmas, e sagrados louros,
Firme coluna, escudo impenetrável
Aos assaltos do Abuso, e da Ignorância,
A vós pertence o proteger meus versos.
Consenti que eles voem sem receio
Vaidosos de levar o vosso nome
Aos apartados climas, onde chegam
Os ecos imortais da Lusa glória.

Já o invicto marquês com régia pompa
Da risonha Cidade avista os muros.
Já toca a larga ponte em áureo coche.
Ali junta a brilhante Infantaria;
Ao rouco som de música guerreira
Troveja por espaços: a Justiça,
Fecunda mãe da Paz, e da Abundância,
Vem a seu lado: as Filhas da Memória
Digna imortal coroa lhe oferecem,
Prêmio de seus trabalhos: as Ciências
Tornam com ele aos ares do Mondego;
E a Verdade entre júbilos o aclama
Restaurador do seu Império antigo.
Brilhante luz, paterna liberdade,
Vós, que fostes num dia sepultadas
Com o bravo Rei nos campos de Marrocos,
Quando traidoras, ímpias mãos o armaram
Vítima ilustre da ambição alheia,
Tornai, tornai a nós. Da régia estirpe
Renasce o vingador da antiga afronta.
Assim o novo Cipião crescia
Para terror da bárbara Cartago.
Possam meus olhos ver o Ismaelita
Nadar em sangue, e pálido de susto
fugir da morte, e mendigar cadeias;
E amontoando Luas sobre alfanjes
Formar degraus ao Trono Lusitano.
Dissiparam-se as trevas horrorosas,
Que os belos horizontes assombravam,
E a suspirada luz nos aparece.
Tal depois que raivoso, e sibilante
Sobre o carro da Noite o Euro açoita
Os tardios cavalos do Bootes,
E insulta as terras, e revolve os mares,
Raia a manhã serena entre douradas,
E brancas nuvens: ri-se o céu, e a Terra:

O Vento dorme, e as Horas vigilantes
Abrem ao claro Sol a azul campanha.

A soberba Ignorância entanto observa,
E se confunde ao ver o próprio trono
Abalar-se, e cair: o seu ruído
Redobra os ecos nos opostos vales,
E o Mondego feliz ao mar undoso
Leva alegre a notícia, porque chegue
Das suas praias aos confins da Terra.
Ela abatida, e só não acha abrigo,
E desta sorte em seu temor suspira.

Verei eu sepultar-se entre ruínas
O meu reino, o meu nome, e a minha glória;
Depois de ser temida, e respeitada?
Pobre resto de míseros vassallos
Não há mais que esperar. Já fui rainha:
Já fostes venturosos: não soframos
As injúrias, que o vulgo nos prepara:
Injúrias mais cruéis do que a desgraça.
Deixemos para sempre estes terríveis
Climas de mágoa, susto, horror, e estrago,
Mostrai-me algum lugar desconhecido,
Onde oculta repouse, até que possa
Tomar de quem me ofende alta vingança.
Mas onde, se um Prelado formidável,
Esse Argos, que me assusta, vigilante
Ao lugar mais remoto estende a vista?
Monstros do cego abismo, em meu socorro
Empenhai o poder do vosso braço;
Que se entre os homens me faltar asilo,
Ao triste vão dos ásperos rochedos,
Onde o Tenaro escuro, e cavernoso
Da morada sombria as portas abre,
Irei chorar meus dias sem ventura:
Irei... Assim falando misturava

Gemidos, e soluços, que sufocam
Dentro do peito a voz, e umedecia
Com o pranto amargo a face descorada.
Mas logo, serenando o rosto aflito,
Corre por entre sustos, e esperanças
Ao caro abrigo do fiel Gonçalo.
A sonolenta, a pigra Ociosidade
Por esta vez deixou de acompanhá-la:
E a lânguida Preguiça forcejando
Pôde apenas segui-la com os olhos.

Toma a forma dum célebre Antiquário
Sebastianista acérrimo, incansável,
Libertino com capa de devoto.
Tem macilento o rosto, os olhos vivos,
Pesado o ventre, o passo vagaroso.
Nunca trajou à moda: uma casaca
Da cor da noite o veste, e traz pendentes
Largos canhões do tempo dos Afonsos.
Dizem que o tempo da mais bela idade
Consagrou às questões do Peripato.
Já viu passar dez lustros, e experiente
Sabe enredos urdir, e pôr-se em salvo.
Entra por toda a parte, e em toda a parte
É conhecido o nome de Tibúrcio.

Gonçalo, que foi sempre desejoso
Da mais bela instrução, lia, e relia
Ora os longos acasos de Rosaura,
Ora as tristes desgraças de Florinda,
E sempre se detinha com mais gosto
Na cova Tristifeia, e na passagem
Da perigosa ponte de Mantible.
Repetia de cor de Albano as queixas
Chamando a Damiana injusta, ingrata;
Quando Tibúrcio apaixonado, e triste
Ralhando entrou. Que esperas tu dos livros?

Crês que ainda apareçam grandes homens
Por estas invenções, com que se apartam
Da profunda ciência dos antigos?
Morreram as *postilas*, e os *Cadernos*:
Caiu de todo a *Ponte*, e se acabaram
As *distinções*, que tudo defendiam,
E o *ergo*, que fará saudade a muitos!
Noutro tempo dos Sábios era a língua
Forma, e mais forma: tudo enfim se acaba,
Ou se muda em pior. Que alegres dias
Não foram os de Maio, quando a estrada
Se enchia de Arrieiros, e Estudantes!
Ó tempo alegre, e bem-aventurado!
Que fácil era então o azul Capelo
Adornado de franjas, e alamares,
O rico anel, e a flutuante borla,
Honra, e fortuna, que chegava a todos!
Hoje é grande a carreira, e serão raros
Os que se atrevam a tocar a meta.
Ah Gonçalo! Gonçalo! que mais vale
Tirar coa própria mão no fértil Souto
Moles castanhas do espinhoso ouriço!
Quanto é doce ao voltar da Primavera
O saboroso mel no louro favo!
Ó alegre, e famosa Mioselha
Fértil em queijos, fértil em tramoços!
Só lá de romaria em romaria
Podes viver feliz, e descansado:
Quem te obriga a levar sobre os teus ombros
O desmedido peso, que te espera?
Não tenhas do bom Tio algum receio:
Comigo irás: bem sabes quanto posso.
Se te envergonhas de ser só, descansa;
Fiel parente, amigo inseparável,
Eu farei que abraçando o mesmo exemplo
Muitos se apressem a seguir teus passos.

Assim falava: quando um ar de riso
Apareceu no rosto de Gonçalo.
Tudo o que se deseja se acredita;
Nem há quem o seu gosto desaprove.
Ele porque já traz no pensamento
Poupar-se dos estudos à fadiga
Não vacila na escolha, e se aproveita
Da feliz ocasião, que lhe assegura
O meditado fim de seus desejos.

Convocam-se os heróis, e deliberam
Em pleno consistório, onde Gonçalo
Silêncio pede, e assim a todos fala.
Heróis, a quem uma alma livre anima,
Que desprezando as Artes, e as Ciências,
Ides buscar da Pátria no regaço,
Longe da sujeição, e da fadiga
Doce descanso, amável liberdade:
Se algum de vós (o que eu não creio) ainda
Tem na alma o vão desejo dos estudos,
Levante o dedo ao alto. Uns para os outros
olharam de repente, e de repente
Rouco, e brando sussurro ao ar se espalha:
Qual nos bosques de Tempe, ou nas frondosas
Margens, que banha o plácido Mondego,
Costuma ouvir-se o Zéfiro suave,
Quando meneia os álamos sombrios.
Nenhum alçou a mão, e a Ignorância
Pareceu consolar-se, imaginando
Sonhadas glórias de futuro império.

Dispõe-se a companhia, e se aparelha
Para partir antes que o Sol desate
Sobre a Terra orvalhada as tranças d'ouro.
Tibúrcio tudo apronta. Mas Janeiro
Loquaz, traidor, doméstico inimigo
Voa de casa em casa publicando

Da forte esquadra a próxima partida.

Guiomar, velha que há muito que insensível

 Às delícias do amor, aferrolhado

 Emagrece nos míseros cuidados

 Da faminta ambição, e é na Cidade

 Uma ave de rapina, que entre as unhas

Leva tudo o que encontra aos ermos cumes

Da escavada montanha, onde a festejam

 Coa boca aberta os ávidos filhinhos:

 Triste agora, e infeliz ouve, e se assusta

Das notícias cruéis, que o Moço espalha.

 Ó Ama desgraçada! Ó dia infausto!

 Agora que esperava mais sossego

Principiam de novo os meus trabalhos!

 Estas, e outras palavras arrancava

Do peito descontente, enquanto a Filha

 Amorosa, e sagaz estuda os meios,

Com que possa deter o ingrato amante:

 Faz ajuntar de partes mil à pressa

 Cordões, e anéis, e a pedra reluzente,

 Que os olhos desafia: os seus cabelos,

 Que desconhecem o toucado, empasta

Coa cheirosa pomada: a Mãe se lembra

Da própria mocidade, e lhe vai pondo

 Com a trêmula mão vermelhas fitas.

Simple noiva da aldeia, que ao mover-se

 Teme perder o desusado adorno,

Nunca formou mais vagarosa os passos.

 Narcisa chega entre raivosa, e triste,

 E fingindo esquecer-se da mantilha

 Para mostrar-se irada, desta sorte

 Em alta voz lhe fala. Será certo

Que pretendes fugir, e que me deixas

 Infeliz, enganada, e descontente?

 Assim faltas cruel, pérfido, ingrato

Dum longo amor aos ternos juramentos?

Não disseste mil vezes... mas que importa
Que os meus males recorde? enfim, perjuro,
As tuas vãs promessas me enganaram.
Justiça pedirei ao céu, e ao Mundo:
O mundo tem prisões, o céu tem raios.

Falava; e o herói, que arrasta ainda
Dum incômodo amor os duros ferros,
Parece vacilar; quando Tibúrcio
Dá conselhos a um, a outro ameaça
Pondo irados os olhos em Narcisa.
Diz-lhe que em vão suspira, que em vão chora
E que sempre tiveram as mulheres
Para enganar aos míseros amantes
As lágrimas no rosto, o riso na alma.
Gonçalo então, que o seu dever conhece,
Dá provas de valor, e de prudência.
Ouve Narcisa bela, (lhe dizia)
Serena a tua dor, e os teus queixumes:
O teu pranto me move, injusto pranto,
Que o meu constante amor de ingrato acusa:
Sossega: a nova herança dum morgado
É quem me chama, a ausência será breve.
Tempo depois virá que em doces laços
Eterno amor as nossas almas prenda,
E então farás tibornas e magustos.
Nem sempre cobre o mar a longa praia:
Nem sempre o vento com furor raivoso
Do robusto pinheiro o tronco açoita.

Acaba de falar, e lhe oferece
A leve bolsa, que Narcisa aceita
Como penhor sincero de amizade,
Bolsa, que deve ser na dura ausência
Breve consolação de tristes mágoas.

O experto Amigo, que se mostra em tudo

Companheiro fiel, com os olhos tristes,
Pondera os longos, e ásperos caminhos:
Lembra funestas noites de estalagem,
E adverte em vão, que ao menos por cautela
Deve fazer-lhe a bolsa companhia.
Deixando enfim inúteis argumentos
Remete a decisão ao próprio braço.
Não se esquecem das unhas, nem dos dentes,
Armas, que a todos deu a Natureza.
Ouvem-se pela casa em som confuso
As troncadas injúrias, e os queixumes.
Assim dois cães, se o hóspede imprudente
Lança da mesa os ossos esburgados,
Prontos avançam; duma, e doutra parte
Se vê firme o valor: mordem-se, e rosnam;
Mas não cessa a contenda. Amigo, e amante,
Que farias, Gonçalo, em tanto aperto?
Concorre a plebe, e o férvido tumulto
Vai pelas negras Fúrias conduzido
Despertando nos peitos a desordem.
Ninguém sabe por quê, mas todos gritam.
Já voam as cadeiras pelos ares:
Pedras, e paus de longe se arremessam.
E se a cândida Paz com rosto alegre
Serenou as desgraças deste dia,
Os teus dentes, intrépido Gonçalo,
Viste voar em negro sangue envoltos.
Torna alegre Narcisa, e cinco vezes
Abriu a bolsa, e numerou a prata:
Fez diversas porções, que num momento
Tornou a confundir: não doutra sorte
O menino impaciente, e cobiçoso,
Quando alcança o que há muito lhe negavam,
Repara, volta, move, ajunta, espalha,
E neste giro o seu prazer sustenta.

Entanto a mãe, que já por experiência

Os enganos conhece mais ocultos,
Busca novos pretextos de vingança
Fingindo torpes, e horrorosos crimes,
E espera ouvir gemer em poucas horas
O mancebo infeliz em prisão dura.
Mas Rodrigo, que ouviu o rumor vago,
À pressa chega, e desta sorte fala.

Que desgraças te esperam! foge, foge
Gonçalo, enquanto há tempo: gente armada
Vem logo contra ti. Guiomar convoca
Todo o poder do mundo: um só momento
Não percas, caro amigo; os companheiros
Com alvoroço esperam. Ah deixemos,
Deixemos duma vez estas paredes,
Onde com o próprio sangue escrita deixas
De teu trágico amor e breve história.
É já outro o Mondego: a liberdade
Destes campos fugiu, e só ficaram
A dura sujeição, e o triste estudo.
Enfim hei de apartar-me desta sorte?
Ó sempre tristes, sempre amargos sejam
Os teus últimos dias, velha infame.
Gonçalo, sim, chorando, monta, e parte.

CANTO II

Com largo passo longe do Mondego
Alegre a forte gente caminhava.
Gonçalo excede a todos na estatura,
Na força, no valor, e na destreza.
Sobre um magro jumento se escarrancha
Tibúrcio, e já dum ramo de salgueiro
Desata ao Norte fresco, que assobia,
Por vistoso estandarte um lenço pardo.
Cosme infeliz, e sempre namorado

Sem ser correspondido, vai saudoso,
Ama, e não sabe a quem: vive penando,
E se consola só porque imagina
Que tem de conseguir melhor ventura.
Rodrigo, que de todos desconfia,
É de índole grosseira, e gênio bruto,
Não conhece os perigos, nem os teme:
Melancólico sempre, vai por gosto
Viver na choça, aonde foi criado.
Qual o Tatu, que o destro Americano
Vivo prendeu, e em vão depois se cansa
Por fazê-lo doméstico, que sempre
Temeroso nas conchas se recolhe
E parece fugir à luz do dia.
Também vinha Bertoldo, e traz consigo
Carunchosos papéis por onde afirma
Vir do sétimo Rei dos Longobardos.
Grita contra as riquezas, a Fortuna,
Segundo o que ele diz, não muda o sangue:
Pisa com força o chão, e empavesado
De ações, que ele não pode chamar suas,
Aos outros trata com feroz desprezo.
Iracundo Gaspar, que te enfureces
No jogo, e quando perdes não duvidas
Meter a mão à ferrugenta espada,
Tu não ficaste: as noites sobre os livros
Não queres suportar, porque não temes
Da já viúva mãe as frouxas iras.
Nem tu, Alberto alegre, e desejado
Das vistosas funções das romarias,
Que és vivo, pronto, e ágil, e nos bailes
Tens fama de engraçado, e garganteias
Coa viola na mão trocando as pernas.
Os que aprendem o nome dos autores,
Os que leem só o prólogo dos livros,
E aqueles, cujo sono não perturba
O côncavo metal, que as horas conta,

Seguiram as bandeiras da ignorância
Nos incríveis trabalhos desta empresa.

O sol já sobre os campos de Anfitrite
Inclina o carro, e as nuvens carregadas
Importunos chuveiros ameaçam;
Quando a velha estalagem os recebe.

Mesa de tosco pinho se povoa
De negras azeitonas, e salgado
Queijo, que estima a gente que mais bebe.
Dum lado, e doutro lado se levantam
Pichéis, e copos, em que o vinho abunda.
Corriam para aqui desafiados
Rodrigo, o triste, e o glutão Tibúrcio.
Este instante fatal é que decide
Da dúbia sorte dos heróis cobrindo
Um de eterna vergonha, outro de glória.

A feia Noite, que aborrece as luzes,
Desce dos altos montes com mais pressa
Por ver este combate, e afugentada
Pela sombria luz duma candeia
De longe observa o novo desafio.
Um, e outro ocupando as mãos, e a boca
Avidamente a devorar começa.
Assim esse animal grosseiro, e pingue,
Que de alpestres bolotas se sustenta,
À pressa come, e tendo uma nos dentes,
Noutra tem o desejo, e noutra a vista.
Rodrigo quase certo da vitória
Coas mãos ambas levanta um grande copo,
Copo digno de Alcides, e à saúde
De todos os famosos Desertores
De uma vez esgotou: então Tibúrcio
Cheio de nobre ardor, fechando os olhos
Toma um largo pichel, e assim lhe fala.

Vasilha da minha alma, tu que guardas
A alegria dos homens no teu seio,
E tu, filho da cepa generoso,
Se estimas, e recebes os meus votos,
Derrama sobre mim os teus encantos.
Já tinha dito muito: e enquanto bebe
Voa a cega Discórdia, que se nutre
De sangue, e de vingança, e sobre os copos
Três vezes sacudiu as negras asas.
Viam-se já nos lívidos semblantes
A raiva sanguinosa, a má tristeza.
A Noite, a quem o Acaso favorece,
Estende a fusca mão, e a luz abafa.
Veloz passa o furor de peito em peito,
Perturba os corações, e inspira o ódio.

Só tu, Gonçalo, descrever puderas
Os terríveis estragos desta noite,
Tu, que posto debaixo duma banca
(Por não manchar as mãos no sangue amigo)
Sentiste pela casa, e pelos ares
Rolar os pratos, e tinir os copos.
Range os dentes Gaspar, e pelo escuro
Não acerta coa espada, nem coa porta:
Quando Ambrósio, que tinha envelhecido
Da Estalagem na mísera oficina,
Coa candeia na mão assim falava.
É crível, que entre vós jamais se encontre
Um gênio dócil, sério, e moderado?
Isto deveis às letras? respondi-me,
Ou insultai também os meus cabelos
Da triste, e longa idade embranquecidos.
Julgais acaso, que o saber se infunde
Deixando o vosso nome assinalado
Pelos muros, e portas da Estalagem?
Ó néscia mocidade! é necessário

Muito tempo sofrer, gastando a vista
Na contínua lição, e sobre os livros
Passar do frio Inverno as longas noites.
E quando já tivésseis conseguido
De tão bela carreira os dignos prêmios,
Muito pouco sabeis, se inda vos falta
Essa grande Arte de viver no mundo,
Essa, que em todo o estado nos ensina
A ter moderação, honra e prudência.
Eu também já na flor da mocidade
Varri coa minha capa o pó da sala:
Eu também fui do rancho da carqueja,
Digno de fama, e digno de castigo.
Era então como vós. Jamais os livros
Me deveram cuidado, e me alegrava
Das noturnas empresas, dos distúrbios:
Os dias se passavam quase inteiros
Nos jogos, nos passeios, nas intrigas,
Que fomentam os ódios, e as vinganças.
Por isso estou no seio da miséria:
Por isso arrasto uma infeliz velhice
Sem honra, sem proveito, sem abrigo.
Tempo feliz da alegre mocidade!
Hoje encurvado sobre a sepultura
Eu choro em vão de vos haver perdido!
Assim suspira, e geme, e continua:
Conservai sempre firme na memória
Dum velho desgraçado o triste exemplo,
E aprendei a ser bons, que a vossa idade
As indignas ações não justifica.
Mas se vós desprezais os meus conselhos,
Nunca gozeis o prêmio dos estudos:
Aflições, e trabalhos vos oprimam,
Enquanto o mar das Índias vos espera.
Então Gaspar, tomando o caso em brio,
Aceso de ira com valor responde,

Traça o capote, e tira pela espada.
O velho grita, e foge: às suas vozes
De rústicos um povo se enfurece,
E toma as armas, e bradando avança.
Qual nos imensos, e profundos mares
O voraz Tubarão entre o cardume
De argentadas Sardinhas: elas fogem,
Deixam o campo, e nada lhe resiste;
Assim Gonçalo, a quem já todos temem,
Faz espalhar a turba, que o rodeia,
E só deixa a quem foge de encontrá-lo.

Gaspar, que o rosto nunca viu ao medo,
A todos desafia, e não perdoa
Duma oliveira ao carcomido tronco,
Que ele julga broquel impenetrável,
Vendo estalar da sua espada a folha.

Da noite a densa névoa favorece.
Receosos de nova tempestade,
Salvam as vidas os heróis fugindo
Por entre o mato espesso. Ouvem ao longe
Da vingativa plebe a voz irada.
À clara luz das pinhas resinosas
Aparecem as foices, e aparecem
Chuços, cacheiras, trancas e machados.
Levanta-se o clamor; e a crua guerra,
Que o sangue dos mortais derrama, e bebe,
Gira por toda a parte, e move as armas.
Entanto a valorosa companhia
Amparada da sombra feia, e triste
Voa por longo espaço sobre as asas
Do pálido terror. Não doutra sorte
Rasos xavecós de piratas Mouros,
Quando aos ecos do bronze fulminante
Veem tremular as vencedoras Quinas
sobre a possante Nau, que oprime os mares,

Fogem à vela, e remo, e não descansam
Sem ter beijado as Argelinas praias.
Ouvem-se então diversos sentimentos.
Chora Gaspar de se não ter vingado,
E ainda aqui colérico assevera
Que a não faltar-lhe a espada não fugira.
Espada, que ao romper as linhas d'Elvas,
Se dos velhos Avós não mente a história,
Abriu de meio a meio um Castelhana.

Teme Bertoldo, que o encontre o Povo;
E no meio daquela escuridade
Chega-se aos mais com pânico receio.
Cosme quase insensível aos perigos,
E aos amargos momentos desta noite,
Aproveita o silêncio, o sítio, a hora
Para chorar saudades sem motivo.
Só Gonçalo pensava cuidadoso
Em salvar os aflitos companheiros.
Assim o astuto assolador de Troia,
Quando os Gregos heróis ouviu cerdosos
Grunhir nos bosques da encantada Circe,
Ou quando viu a detestável mesa
Na vasta cova do Ciclope horrendo.
Onde estarás fiel, e caro amigo!
(Dizia o condutor da astuta gente)
Se tu me faltas como irei meter-me
Nas mãos dum Tio rústico, inflexível?
Voltarei? mas ó céus! quem me assegura
Que essa velha cruel, nefanda harpia
Não tenha urdido algum funesto engano?
E se o Povo indignado, e ofendido
Nos vem seguindo, e ao surgir da Aurora
Neste inculto deserto... Céu piedoso,
Longe, longe de nós tão graves danos.

Gonçalo assim falava, e vigilante

Tristes horas passou, até que o dia
Apareceu entre rosadas nuvens
Sobre as altas montanhas do horizonte.

CANTO III

A Fama sobre o carro transparente,
Que arrastam ao través do espaço imenso
O sonoro Aquilon, e o veloz Austro,
Cantava o caro nome, a imortal glória
Do Augusto Pai do Povo. Entre milhares
De ações dignas dum Rei, Europa admira
O soberbo Edifício levantado,
Que o saudoso Mondego abraça, e adora:
Edifício, que o tempo doravante
Vê de longe, rodeia, teme, e foge:
Que sustenta em firmíssimas colunas
Da ciência imortal o Régio Trono.

Se longe da feroz barbaridade
Os olhos abre a forte Lusitânia,
Grande Rei, esta ação é toda vossa.

Entanto a Fama heroica vão seguindo
As velozes, e incógnitas notícias,
Que trazem, e que levam os sucessos
De país em país, de clima em clima.
Elas voam em turba, enchendo os ares
Dos ecos dissonantes, a que atendem
Crédulas velhas, e homens ociosos.
Qual no fértil Sertão da Ajuruoca
Vaga nuvem de verdes Papagaios,
Que encobre a luz do Sol, e que em seus gritos
É semelhante a um povo amotinado:
Assim vão as Notícias, e estas vozes
Pelo campo entre os rústicos semeiam.

Gente inexperta, alegre, e sem cuidados,
Fero esquadrao, que os vossos campos tala,
Vem destruindo as terras, e os lugares.

O povo indócil, cego e receoso,
Que as funestas palavras acredita,
Toma os caminhos, e os outeiros cobre.

Por onde irás, intrépido Gonçalo,
Que escapes ao furor da plebe armada?

Mas já os desgraçados companheiros
Desciam por incógnitas veredas
Para o fundo dum vale cavernoso,
Que o Zêzere veloz lavando insulta
Coas turvas águas do gelado inverno.

Há um lugar nunca dos homens visto,
Na raiz de dois montes sobranceiros.

Suam as frias, e musgosas pedras,
Que dos altos cabeços penduradas
Ameaçam ruína há tempo imenso.

Jamais do Cão feroz o ardor maligno
Desfez a neve eterna destas grutas.

Árvores, que se firmam sobre a rocha,
Famintas de sustento à terra enviam
As tortas, e longuíssimas raízes.

Pendentes caracóis coa frágil concha
Adornam as abóbadas sombrias.

Neste lugar se esconde temerosa
A Noite envolta em longo, e negro manto

Ao ver do Sol os lúcidos cavalos:

Fúnebre, eterno abrigo aos tristes mochos,
Às velhas, às fatídicas corujas,
Que com medonha voz gemendo aumentam
O rouco som do rio alcantilado.

Rufino por seu mal sempre extremoso,
E sempre escarnecido, suspirando

Aqui se entrega ao pálido ciúme,
Dum puro amor ingrata recompensa.
Contam que nestas hórridas cavernas
De míseras angústias rodeado,
Vinha exalar os últimos suspiros
Queixando-se de amor, e da Fortuna.
Entre os braços do sono repousava
Este infeliz já de chorar cansado;
Quando a inquieta Ignorância, que se aflige,
De ver nestas montanhas escabrosas
Os tímidos amigos, em que funda
De novo império a única esperança:
Por que Rufino os acompanhe, e guie
À pingue, e suspirada Mioselha,
Que é de tantos heróis Pátria famosa,
Finge o rosto da bela Doroteia,
Doroteia a mais nova, a mais humana
De quantas filhas teve o velho Amaro.
Ela a roca na cinta, as mãos no fuso
Em sonhos lhe aparece, e mais corada,
Que a rosa na manhã da Primavera,
A falar principia. Se até agora
Ingrata me mostrei a teus amores,
Se inconstante, e perjura me chamaste,
Dá-me nomes mais doces, e ouve atento
Duma alma amante a confissão sincera.
Sempre te amei, e espero ver unidos
Os nossos corações em fortes laços
Do casto amor, que o céu não desaprova.
Mas eu sem nada mais, que a lã, que fio,
Tu rico só de afetos, e palavras,
Onde iremos, que a sórdida miséria
Não seja em nossos males companheira?
Vai-te, e longe de mim segue a ventura,
Que firme te hei de ser em toda a idade.
Do velho Afonso o triste, e pobre filho,
Pela dura madrasta afugentado,

Também deixou a suspirada Pátria,
E veio em poucos anos o mais rico
Dos bens imensos, que o Brasil encerra.
Vês tu quanto cresceu, que não cabendo
No paterno casal, ergue as paredes
Até chegar ao céu, que testemunha
A ditosa união com que ele paga
O firme amor da venturosa Ulina?
Vai pois, Rufino meu, que muitas vezes
Muda-se a terra, e muda-se a Fortuna.

Assim falando os braços lhe oferece.
Ó que instante feliz, se amor perverso,
Dos últimos favores sempre avaro,
Não firmasse esta sombra de ventura
Sobre as asas de um sonho lisonjeiro!
Desperta o triste, e desgostoso amante,
E não duvida que a pressaga imagem
Noutro lugar tesouros lhe promete.
Futuros bens na ideia se apresentam,
E ele crê possuí-los. Ó dos homens
Contínuo delirar sem fundamento!
Que bela, e fácil se nos pinta a posse
Dum incógnito bem, que desejamos!

Já se ajuntava o esquadrão famoso
Pela mesma Ignorância conduzido,
E Gonçalo primeiro assim falando,
Os mais em roda todos escutavam.

Benigno habitador de incultas brenhas,
Se um desgraçado errante, e peregrino
Dentro em tua alma a compaixão desperta,
Os meus passos dirige, antes que a fome
Com ímpia mão nos deixe frio pasto
Às bravas feras, às famintas aves.

Falava ainda: alguns estremeçeram,
Outros amargo pranto derramaram.
Da boca de Rufino todos pendem.
Ele os lânguidos olhos levantando
Já do longo chorar enfraquecidos,
Estas vozes soltou do rouco peito.

Que Fortuna cruel, maligna, incerta
Vos trouxe a penetrar o intacto abrigo
Destes lugares ermos, e escabrosos?
Vós em mim achareis amigo, e guia:
Que pode dar alguma vez socorro
Um desgraçado a outro desgraçado.
Duros casos de amor me conduziram
A acabar nesta gruta os tristes dias;
Mas hoje volto por feliz presságio
A tentar noutra parte a desventura.

Acaba de falar movendo os passos
Pelo torcido vão das nuas pedras.
Todos o seguem com trabalho imenso.

Depois que largo tempo caminharam
Por ásperas montanhas, aparecem
Ao longe a estrada, e o lugar vizinho.
Qual a nau sofredora das tormentas,
Que, depois de tocar o porto amigo,
Sente fugir-lhe as arenosas praias,
E dos hórridos ventos açoitada
Volta a lutar com o pélogo profundo:
Assim Gonçalo, quando ver espera
Tranquilo fim de míseros trabalhos,
O povo o cerca, e dos confusos gritos
As montanhas ao longe retumbaram.
Vós ó Musas, dizei como a Discórdia
Com o negro tição, que acende os peitos,
Mostra o rosto de sangue, e pó coberto,

Seguindo os passos do homicida Marte.
Aqui não aparecem refulgentes
Escudos d' aço, e bronze triplicado:
Não assombram a testa dos guerreiros
Flutuantes penachos, que ameaçam,
Como tu viste, ó Troia, ante os teus muros;
Mas o valor intrépido aparece
A peito descoberto. O povo armado
De choupas, longos paus, e curvas foices,
É semelhante a um bosque de pinheiros,
Que o fogo devorou, deixando nuas
As elevadas pontas. Animoso
Dispõe Gonçalo a forma de batalha
Posto na frente: à sua voz a um tempo
Todos avançam, todos se aproveitam
Das perigosas, e terríveis armas,
Que o terreno oferece em larga cópia.
Voa a cega desordem, e aparece
No meio do combate. Por um lado
Gaspar se opõe arremessando pedras
Com força tal, que atroam os ouvidos.
Gonçalo doutra parte invicto, e forte
Abre com o ferro agudo amplo caminho.
Já pendia a balança da vitória
Contra a tímida gente, que se espalha;
Quando chega atrevido Brás, o forte.
(Gigante Ferrabrás lhe chama o povo
Pela enorme estatura, e força incrível)
Ergue a pesada maça sem trabalho,
Qual nos montes de Lerne o fero Alcides:
Gonçalo evita a morte com destreza:
Ele renova os formidáveis golpes;
Mas o irado mancebo ao desviar-se
Tropeça, e cai. Neste arriscado instante
Serias morto, intrépido Gonçalo,
Se Gaspar cum rochedo áspero, e rombo
Não atalhasse do inimigo a fúria,

Quebrando-lhe com golpe repentino
Ambas as canas do direito braço.
Rangem os ossos, e a terrível maça
Caindo sobre a terra ao longe soa.
Torna a juntar-se a fugitiva plebe,
E o prudente Gonçalo, que deseja
Mostrar o seu valor noutros perigos,
Finge-se morto: a turba irada o pisa,
Mas ele não se move. Contra todos
Então Gaspar em cólera se acende:
Ameaça, derriba, ataca e fere;
Até que já sem forças, rodeado
Vê de seus companheiros os opróbrios.

Soa nas costas dos heróis valentes
O duro azambujeiro, e são levados
Ao som terrível de insultantes gritos
Para a escura prisão, que os esperava.
Gonçalo, o bom Gonçalo as mãos atadas,
Os olhos para o chão, porque era terno
Não refreou o compassivo pranto.
A par dele Bertoldo em vão lamenta
A falta de respeito, que devia
Rústica plebe ao neto de Alarico.
Com vagaroso passo todos marcham,
Como as ovelhas por caminho estreito.
Tal depois da ruína de um Quilombo
Vem a indômita plebe da Etiópia,
Quando rico dos louros da vitória
O velho Chagas sempre valoroso
Cobre o fuzil da pele da Guariba,
E forra o largo peito cos despojos
Da malhada Pantera, e do escamoso
Jacaré nadador, que infesta as águas.

CANTO IV

Tibúrcio, que nas guerras da estalagem
Soube abrandar os inimigos peitos,
Pondo-se como em êxtase profundo
Com os olhos no céu, e as mãos no peito,
Vem a empenhar a força das intrigas.
Que não farás, intrépida Ignorância,
Por libertar os tristes prisioneiros!

Tem o cuidado das ferradas portas
Amaro vigilante, inexorável;
Mas crédulo, e medroso; e tem ouvido
Não sem horror pela calada noite
Grasnar nos ares, e mugir nos campos
Feias bruxas, e vagos lobisomens.
Com ele o Antiquário se acredita
Por um devoto, e santo Anacoreta,
Que passa os breves dias deste mundo
Entre os rigores duma austera vida.
Amaro, que se fia de aparências,
Para nutrir o frágil penitente
Vai degolando os patos, e as galinhas.
Entanto (quem dissera!) a própria filha
Inocente era o móvel deste enredo,
Seu nome é Doroteia, e no semblante
Gênio se lhe descobre inquieto, e leve.
E como estes momentos preciosos
Não se devem perder, depois que a fome
Afugentou do estômago vazio,
Com branda voz em tom de profecia
Humildade afetando assim começa.

Pois tanta caridade usais comigo,
O Senhor, que reparte os seus tesouros,
Vos encherá de mil prosperidades.
A vossa filha... mas convém que eu cale
Os segredos, que o céu me comunica,

Inda vereis nascer entre riquezas
Os venturosos netos, doce arrimo
Aos fracos dias da caduca idade.
O velho então coas lágrimas nos olhos
Assim falou: Ó filho abençoado,
Que pela débil voz já me parecez
Habitador do céu, quanto consolas
As pecadoras cãs, que te estão vendo!
Assim talvez seria o meu Leandro,
Se as bexigas em flor o não roubassem!
Dez anos tinha, quando a morte avara
Cortou coa dura mão seus tenros dias.
Então suspira, e segue passo a passo
A longa enfermidade; e enquanto narra
Aparece Marcela, conhecida
Entre todas as velhas por mais sábia
Em penetrar olhando para os dedos
Tudo quanto já dantes lhe contaram.
Sobre pequeno pau, a que se encosta,
Ela vem debruçada pouco a pouco,
O semblante enrugado, os olhos fundos,
Contra o nariz oposta a barba aguda:
Os dois últimos dentes balanceiam
Com o pestífero alento, que respira.
Em segredo lhe mostra Doroteia
A esquerda mão por que ela decifrasse
As confusas palavras de Tibúrcio.
Ela observa, e depois de mil trejeitos
Franzindo a testa, arcando as sobranceiras,
Com voz trêmula, e fraca assim dizia.

Ó que grande ventura o céu te aguarda!
Por esposo terás um cavalheiro
Que te ama, e te deseja. Mas ai triste!
Em vão chora infeliz o terno amante
Nessa escura prisão desconhecido
Por casos de fortuna. Criai filhos,

Ó desgraçadas mães, para que um dia
Longe de vós padeçam mil trabalhos!
Aqui suspira a boa velha, e chora.
Duas vezes começa, e depois fala.
O seu nome é Gonçalo: é rico, e nobre,
E mancebo gentil, robusto, e louro.
Estas, e outras palavras lhe dizia,
E Doroteia já se sente amante,
Excogitando os mais seguros meios
De abrir a porta, e dar-lhe a liberdade.
Na molesta prisão o novo engano,
De imperceptível arte pronto efeito,
Sabe o Herói, e assim consigo fala.
Ó amigo tão raro como a fênix,
Que podendo deixar-me entre estes ferros,
Vens encher-me de alívios, e esperanças!
Valentes expressões em crespa frase,
Que ao Alívio de Tristes rouba a glória,
Pensando, felizmente ressuscita
Aquelas hiperbólicas finezas,
Que em seus escritos prodigou Gerardo.
Num pequeno papel como convinha
A triste, e desgraçado prisioneiro,
Viu Doroteia as letras amorosas,
Que os ditos confirmaram de Marcela,
E dois grandes presuntos, que jaziam
Intactos na despensa do bom velho,
Vão levar a resposta acompanhados
Do roxo néctar, que dissipa os males.
Mensageira fiel então afirma,
Que virá Doroteia abrir-lhe as portas
Nas horas, em que o plácido sossego
Dos cansados mortais os olhos cerra.
Gonçalo espera tímido, e confuso
Vem-lhe à memória o seu antigo afeto;
Qual leve sombra: escuta, arde, e deseja
Sentir no coração novas cadeias.

Já com a fria mão a noite escura
Entre o miúdo orvalho derramava
Papoilas soporíferas, que inspiram
O brando sono, e o doce esquecimento.
Reina o vago silêncio, que acompanha
De amor furtivo os trágicos transportes.
Gonçalo então, cansada a fantasia
Sobre os meios, e os fins de seus projetos,
Pouco a pouco se esquece, e pouco a pouco
Cerra os olhos, boceja, dorme e sonha.
Quando voa do leito, onde deixava
Nos braços do descanso ao pai da pátria
A brilhante Verdade, e lhe aparece
Numa nuvem azul bordada d'ouro.
A deusa ocupa o meio, um lado, e outro
A severa Justiça, a Paz ditosa.

Benignos céus, enchei meus puros votos:
Fazei que esta celeste companhia,
Como do terno Avô rodeia o trono,
De seu neto imortal orne a Coroa.

Gonçalo viu, e pondo as mãos nos olhos
Receia, e teme de encarar as luzes.
Abre os olhos, mortal, (assim lhe fala
Do claro céu a preciosa filha)
Abre os olhos, verás como se eleva
Do meu nascente Império a nova glória.
Esses muros, que a pérfida Ignorância
Infamou temerária com seus erros,
Cobertos hão de ser em poucos dias
Com eternos sinais de meus triunfos.
Eu sou quem de intrincados labirintos
Pôs em salvo a razão ileza, e pura.
Eu abri aos mortais os meus tesouros:
Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde

No seio imenso a fértil Natureza.
Pode uma destra mão por mim guiada
Descrever o caminho dos Planetas:
O mar descobre as causas do seu fluxo:
A Terra... mas que digo? Que ciência
Não fiz tornar às margens do Mondego,
Ou dentre os braços da latina gente,
Ou dos belos países, cujas praias
O mar azul por toda a parte lava?
Se são firmes por mim o Estado, a Igreja,
Se é no seio da paz feliz o Povo,
Dizei-o vós, ó ninfas do Parnaso.
Ilustres, imortais, vós que ditastes
As poderosas leis a vez primeira,
Vós, que ouvistes da lira de Mercúrio
Os úteis meios de alongar a vida.
Eu vejo renascer um Povo ilustre
Nas armas, e nas letras respeitado.
O seu nome vai já de boca em boca
A tocar os limites do universo.
O pacífico Rei lhe traz os dias
Dignos de Manuel, dignos de Augusto.
E tu enquanto a Pátria se levanta
Sacudindo os vestidos empoados
Coa cinza vil de um ócio entorpecido:
Enquanto corre a mocidade alegre
A colher louros ávida de glória,
Serás o frouxo, o estúpido, o insensível?
Sacrificas o nome, a honra, a Pátria
Aos moles dias de uma vida escura?
Cego, errado mortal, vê que te enganas.
Disse: e cerrada a nuvem luminosa,
Estremece Gonçalo: foge o sono:
Por toda a parte lança incerto a vista,
Busca assustado, mas já nada encontra.
As mesmas impressões em seus sentidos
Vivas imagens pintam, e não sabe

Se então dormia, ou se inda agora sonha.
Sente a suave força da Verdade;
Mas recusa abraçá-la. Triste sorte
D'alma infeliz, que ao erro se acostuma!

Entanto sem receio o Velho dorme,
E a filha vem as sombras apalpando
Com as chaves na mão: e quantas vezes
Segue, vacila, e para, e lhe parece
Ouvir a voz do Pai: escuta, e treme;
Move os passos, tropeça, e ao ruído
Acorda Amaro, e grita. Ela se apressa,
E torna a tropeçar. Aqui Tibúrcio
Em casos repentinos pronto, e destro
Em um lençol se embrulha, e corre ao leito.
Onde jazia o Velho espavorido,
Que cuida que vê bruxas, e fantasmas:
Então lhe diz em tom medonho. Ó filho,
Ingrato filho, que de um Pai te esqueces!
Que mal, que mal cumpriste os meus legados!
Hoje comigo irás... Ao Velho o medo
Corre as medulas dos cansados ossos:
A voz lhe falta, eriça-se o cabelo.
Entanto as portas Doroteia abrindo
(Amor a fez intrépida) abraçava
O prometido esposo: ele se apressa,
Acorda os miserandos companheiros,
Que se alegram deixando solitárias
As vagas sombras da prisão funesta.
Passa o resto da noite entre temores
Amaro, quanto pode o prejuízo!

Apenas matizava a branca aurora
Da Tíria cor o véu açafrado,
Quando o Velho ao través da luz escassa
Viu abertas as portas. Doroteia,
Doroteia onde estás? Assim clamava,

E entregue à sua dor consulta os olhos
Do profeta, que pronto a pôr-se em marcha
Com rosto de candura, e de inocência
Brandamente o consola. O Céu, amigo,
Tudo faz por melhor, e muitas vezes
Com trabalhos cruéis aos bons aflige.
Disse, e deixando ao Pai desconsolado,
Caminha na esperança de encontrar-se
Com o valente esquadrão dos fugitivos.
O Sol já com seus raios luminosos
Tinha roubado às folhas dos arbustos
O frio gelo do noturno orvalho.
Eis à sombra de fúnebre arvoredos
Rufino, o melancólico, chorando.
Quem és, que em tua mágoa inconsolável
Pareces abalar estas montanhas?
Compassivo pergunta o Antiquário,
E depois de chorar por largo tempo,
Estas vozes o triste lhe tornava.
Eu sou aquele amante sem ventura,
Sempre extremoso, e sempre escarnecido,
Sofredor das ingratas esquivações,
Que vi (ai dura vista!) face a face
Do tardo Desengano o feio rosto.
Ah Doroteia, um sonho lisonjeiro
Meus dias dilatou para que agora
Te visse em outros braços, insultando
O meu fiel amor? Ó noite infausta,
Noite terrível, noite acerba, e dura!
Quanto eu fora feliz, se a tua sombra
Eternamente os olhos me cobrisse!

Tibúrcio, que já tudo penetrava,
Do caminho se informa, e dos lugares,
Por onde fora a incerta companhia,
Que em tanto risco o seu conselho espera.

Não distante se eleva antigo bosque
Horroroso por fama: já nos tempos,
Em que torrente Bárbara saindo
Do seio da Meótis inundava
As províncias d'Europa, aqui se via
Arruinado Templo. Os vivedouros
Ciprestes se levantam sobre os pinhos:
Heras, e madressilvas enlaçadas
Ali fazem curvar a crespa rama
Dos velhos, e infrutíferos carrascos.
Três fontes misturando as puras águas
Mansamente se envolvem, e oferecem
À vista cobiçosa os alvos seixos,
E os verdes limos, que no fundo nascem.
Os amigos fiéis aqui se encontram.
Qual em noite funesta, e pavorosa
Perdido caminhante, que receia
Achar em cada passo um precipício,
Se acaso a dúbia luz divisa ao longe,
A esperança renasce, e de alegria
Sente pular o coração no peito;
Assim o desertor constante, e forte
Ao ver o companheiro, que prudente
Sabe evitar, e prevenir os males.
Eles se reconhecem, e derramam
De alegria, e ternura o doce pranto.
Ó vínculos do sangue, e da amizade!
Menos unidos viu o Lácio antigo
Aos dois Troianos, que uma cega noite,
Espalhando o terror no campo adverso,
Levou às turvas margens de Aqueronte.
Gonçalo se retira pelo bosque;
Com ele vai Tibúrcio, e mil projetos
Formavam sobre o fim da grande empresa;
E a muito fácil, e infeliz donzela
Do seu profeta o rosto, e a voz conhece,
E pensa, e teme de se achar culpada.

Então o amor, que na sonora aljava
Esconde setas de mortal veneno,
E setas doutro ardor mais grato, e puro,
Fazia escolha das terríveis armas,
Para vingar-se da cruel Marfisa:
Marfisa ingrata, pérfida, inconstante,
Peito de bronze, a quem a natureza
Não formou para ternos sentimentos.
E por ver se os seus tiros correspondem
Sempre fiéis à mão, e ao desejo,
Faz no teu peito, ó Doroteia, o alvo,
As forças prova, e a destreza ensaia.
Encurva o arco ebúrneo, solta e voa
Sequiosa de sangue a ponta aguda
Tinta no Averno. Ao golpe inevitável
Tremeu o coração, e um vivo lume
Nos olhos aparece: do seu braço
Admira a força amor. Vai outra seta
Ao brando peito incauto, e descoberto
Do mancebo infeliz. A vez primeira
Soube de amor o namorado Cosme.
Que violenta paixão pode encobrir-se!
Os olhos falam: seguem as palavras;
E depois o delírio. O tempo é surdo
Aos votos dos amantes. Eles viam
Crescer ditoso em rápidos momentos
De uma nova esperança o belo fruto;
Mas Gonçalo a favor dos arvoredos
Oculto chega, para, e ceva as iras.
Tal pode ver-se o rápido Jaguará
Do fértil Ingaí nos vastos campos,
Se tem defronte o cervo temeroso;
Encolhe-se torcendo a hirsuta cauda,
Tenta, vigia, espera, e lambe os beiços
Formando o salto sobre a incauta presa.
Cegos amantes, aprendei agora

Os perigos da nímia confiança.
O zeloso Gonçalo investe; acodem
Os companheiros duma, e doutra parte.
Triste ruído! pedras contra pedras
Ali se despedaçam: ao seu lado
Acha Cosme a Rodrigo, acha a Bertoldo.
Enquanto dura o férvido combate,
Doroteia, que vê sem uso a espada,
De que o Herói em fúria se não lembra,
(Que não farás, amor, tu que transformas
Uma donzela num feroz guerreiro!)
Desembainha: a morte insaciável
Lhe afia o gume, e o furor sanguíneo
Ergue, e dirige o ferro: já pendente
Sobre Gonçalo o golpe, falta e chega
O amigo a tempo de salvar-lhe a vida,
Pelos braços o aperta, e neles grava
Roxos sinais dos dedos. Em derrota
Correm os três, e o campo desamparam.
O mísero, infeliz, e novo amante
As negras fúrias leva, que despertam
No aflito coração desesperado
Ciúme, raiva, amor, ódio, e vingança.
Assim o invicto domador dos monstros,
Quando por mão da crédula consorte
Recebeu o vestido envenenado
No sangue infausto do biforme Nesso
Os rochedos, e os montes abalava:
Soaram os seus fúnebres gemidos
Por longo tempo nas Ismárias grutas.
Valentes, e indiscretos vencedores
Tarde conhecereis, e muito tarde,
Que um amigo ultrajado é perigoso.

Para soltar os oprimidos braços
Doroteia se empenha; mas Tibúrcio,
Lançando a esquerda mão à ruiva trança,

A fez voltar, torcendo-lhe o pescoço,
Ao claro céu a vista ameaçante.
Gaspar o ferro dentre as mãos lhe arranca:
Este um braço sustenta, outro Gonçalo,
E ela presa, e sem forças grita, e geme.
Não doutra sorte o touro da Chamusca,
Quando três cães o cercam atrevidos,
Dois pendem das orelhas, e um da cauda;
A cornígera testa em vão sacode;
Contra a terra se arroja a um lado, e outro,
E depois que não pode defender-se,
Mugindo exala a indômita fereza.

CANTO V

Alto conselho aqui se faz, aonde
Infeliz Doroteia, o teu destino
Cruel, e dúbio dum só voto pende.
Dos três heróis discordam as sentenças.
Um deseja que fique em liberdade,
E do Pai ultrajado exposta às iras:
Inexorável outro pensa, e julga
Que a sua morte deve dar exemplo,
Que encha d'horror as pérfidas amantes.
Gonçalo, que era o único ofendido,
Consulta o coração, e se enternece.
Mas o ardente Ciúme, que se alegra
De pintar como crimes horrorosos
Inocentes ações, então lhe mostra
A feia Ingratidão, e o torpe Engano.
A vingança cruel, e o vil desprezo,
Ainda mais terrível que a vingança,
Ganham do coração ambas as portas.
Mimosa Doroteia, e como ficas
Coas mãos ligadas a um pinheiro bronco
Sem outra companhia, que os teus males!

É este o prêmio, filhas namoradas,
Este o prêmio de amor, quando imprudente
Os termos passa, que a razão prescreve.
De quando em quando um ai do peito arranca,
Que ao longe os tristes, magoados Ecos
Desperta, e faz sentir os duros troncos.
E espera sem defesa (forte ingrata!)
Que a devorem os lobos carniceiros.
Assim ligada aos ásperos rochedos
A filha de Cefeu ao mar lançava
A temerosa vista, e lhe parece
A cada instante ver surgir das ondas
A verde espalda do marinho monstro.

Sem esposo, sem pai, sem liberdade
Mísera Doroteia chora, e geme.
Ai, Marcela cruel, que m'enganaste
Com teus belos, fantásticos agouros!
Queira o céu que outras lágrimas sem fruto
Mil vezes tresdobradas te consumam
Os encovados olhos! Que inda a morte
Às tuas vozes surda correr deixe
Piorando em seu curso vagaroso
Os momentos de dor, e de amargura!

Assim falava: a leve Fantasia
Com as cores mais vivas lhe apresenta
D'escarpados rochedos no alto cume
O palácio da cândida Inocência
Cercado de funestos precipícios.
Ó morada feliz, onde não torna
Quem uma vez rodou entre as ruínas!
Giram no plano do elevado monte
Cruas dores, remorsos devorantes,
As três Irmãs, a Peste, a Fome, a Guerra,
O pálido Receio, o Crime, a morte,
As Fúrias, e as Harpias, que se envolvem

No turbilhão dos míseros cuidados.

Então de tantas lágrimas movida
A mãe soberba do propício acaso,
A mudável Fortuna, e já cansada
De ouvir as tristes queixas de Rufino,
Tais palavras ao filho dirigia.
Esse amante infeliz, que em vão suspira,
Ache a dita uma vez, e enxugue o pranto.
Acaba de falar, e ao mesmo tempo
Rufino para o bosque se encaminha,
E o Acaso o conduz por entre as sombras
Da pavorosa noite, que já desce.
À rouca voz da mísera donzela
Palpita o coração: o amor, e o Susto
Quiméricas imagens lhe afiguram;
Mas ele chega: o próprio crime, e o pejo
Cobrem de roxas nuvens o semblante
De Doroteia ao ver-se ainda amada
Por aquele, que foi há poucas horas
Alvo de seus insultos, e desprezos.
A mole vista, as lágrimas em fio,
Que aos corações indômitos abrandam,
Que fariam num peito namorado?
Tu lhe ensinas com o fraco rendimento
Os meios de vencer. Ó sete vezes
Venturoso Rufino, se ela um dia
Não quiser renovar os seus triunfos,
E medir a fraqueza do teu peito
Pelo grande poder das suas armas!

Depois de longa, e trabalhosa marcha,
Cansado de sofrer enfim respira
O Desertor, e mostra aos companheiros
Os conhecidos montes. Fuma ao longe
A fértil mioselha, e pouco a pouco
Os outeiros, e as casas aparecem.

Tibúrcio, que uma antiga, e voraz fome
Sofreu nestes aspérrimos trabalhos,
Com gosto espera de afogá-la em vinho,
E já se apressa alegre, e transportado.
Qual o novilho, que perdeu nos bosques
A doce vista do rebanho amigo,
E depois de vagar a noite, e o dia
Por vales sem caminho, a Mãe conhece,
Alegre salta, e berra, e por momentos
Espera umedecer entre carícias
Com o leite represado a boca ardente.

Mas Cosme, que conserva na memória
As passadas injúrias, por vingar-se,
Ao Tio de Gonçalo narra as causas
Da funesta derrota. Determina
Gaspar que os fatigados companheiros
Achem na própria casa um doce abrigo.
De os ver a mãe se aflige; mas espera
Que obrigados da fome se retirem.
Leve foi o jantar, mais leve a ceia,
E Tibúrcio com pena assim chorava
Os dias, em que fora tesoureiro
Duma rica, e devota confraria.
Ó santa ocupação, tu nunca viste
A magra mão da pálida miséria,
Que os fracos membros do mendigo apalpa.
Sem trabalho em teus prósidos celeiros
A ditosa abundância se recolhe.
Se torno a possuir-te, quantas vezes
Dos cuidados tenazes, e importunos
Lavarás a minha alma nas perenes
Purpúreas fontes do espremido cacho!

Mostra Gaspar vaidoso a livraria,
Donde o tio doutor sermões tirava.

Mau Gosto, que à razão não dás ouvidos,
Vem numerar as obras, que ditaste:
Seja a última vez, e eu te asseguro
Que não vejas fumar nos teus altares
Do gênio português jamais o incenso.

Geme infeliz a carunchosa Estante
Com o peso de indulgentes casuístas,
Dianas, Bonacinas, tamburinos,
Moias, Sanches, Molinas e Larragas.
Criminosa moral, que em surdo ataque
Fez nos muros da Igreja horrível brecha,
Moral, que tudo encerra, e tudo inspira,
Menos o puro amor, que a Deus se deve.

Aparecei famosa Academia
De humildes, e Ignorantes, Eva, e Ave,
Báculo pastoral, e *Flos Sanctorum*,
E vós, ó teoremas predicáveis,
Não tomeis o lugar, que é bem devido,
Ao Kess, ao Bem Ferreira, ao Baldo, ao Pegas,
Grão-Mestre de forenses subterfúgios.
Aqui Tibúrcio vê o amado Aranha,
O Reis, o bom Supico, e os dois Suares:
Dum lado o Sol nascido no Ocidente,
E a Mística Cidade, doutro lado,
Cedem ao pó, e a roedora traça.
Por cima o Lavatório da consciência,
Peregrino da América, os Segredos
Da natureza, a Fênix renascida,
Lenitivos da dor, e os olhos de água:
Por baixo está de Sam Patrício a cova,
A Imperatriz Porcina, e quantos Autos
A miséria escreveu do Limoeiro
Para entreter os cegos, e os rapazes.
Rudes montões de gótica escritura,
Quanto cheirais aos séculos de barro!
Falta ainda uma Estante; mas Amaro

Seguindo os passos da roubada filha
Caminha aflito, e de encontrar receia
O valente esquadrão, que procurava.
Tanto a fama das bélicas proezas
O seu nome fazia respeitado!

Que novas desventuras se preparam!
O povo cerca da viúva as portas;
Quando a triste Ignorância, que deseja
Arrancar dentre os ásperos perigos
Aos seus heróis, por boca de Gonçalo
Começou a falar. Se tantas vezes
Mais que heroico valor tendes mostrado,
É este o campo, ide a cortar os louros
Para cingir a vencedora frente.
Não se diga que fostes oprimidos
Por fraca, e rude plebe: este combate
Não se pode evitar: só dois caminhos
Em tanto aperto aos olhos se oferecem.
Escolhei ou a Índia, ou a Vitória.

Disse, e depois abrindo uma janela,
Arroja de improviso sobre o povo
De informe barro uma espantosa talha.
Seco trovão, que faz gemer os Polos
Quando vomitam as pesadas nuvens
Do oculto seio a negra tempestade,
Não causa mais pavor: ao golpe horrendo
Muitos feridos, muitos assombrados
Mancham de negro pó as mãos, e o rosto.
Amaro anima aos seus, e enquanto voam
Contra a janela mil pesados seixos,
(Que novo estratagema!) o antiquário
Finge da capa um vulto, que aparece
De quando em quando, com que atrai as armas,
Que hão de servir depois para a defesa.

Novo furor os corações acende.
Qual a grossa saraiva ao sopro horrível
Do Bóreas turbulento embravecido
As searas derrota, os troncos despe,
E o triste lavrador contempla, e chora
A perdida esperança de seus frutos:
Assim de pedras vaga, e densa nuvem
Sai da janela a devastar o campo.
As que arroja o herói já se distinguem
Pelo som entre as mais, já pelo estrago.
A confusão, e o susto ao mesmo instante
Pelo povo se espalha: então Gonçalo
Valoroso saiu por um postigo:
Depois Gaspar; o intrépido Tibúrcio
Metendo o braço, e a cabeça clama
Que o não deixem ficar naquele estado.
O Herói as mãos firmando nas orelhas
Ainda mais o aperta, e deixa exposto
Da plebe ao riso, a cólera de Amaro.
Quantas vezes Tibúrcio desejaste
Não ser de grosso peito, e largo ventre!

O Desertor enfim cansado chega
À presença do tio formidável,
E a teimosa Ignorância, que se aferra,
E que afirma, somente porque afirma,
O coração de novo lhe endurece.
A sofrer o trabalho dos estudos
O Tio o anima, roga, e ameaça,
Mas o Herói inflexível só responde,
Que não há de mudar do seu projeto.
Não é mais firme a carrancuda roca,
Com que Cintra soberba enfreia os mares:
Nem tu, ó Pão de Açúcar, namorado
Da formosa cidade, Velho, e forte,
Que dás repouso às nuvens, e te avanças
Por defendê-la do furor das ondas.

Então falando o Tio em torpes crimes,
E em furtadas donzelas, ergue irado
Coa mão inda robusta o pau grosseiro,
E a paixão desabafa: a longa idade
Proíbe-lhe o correr; mas não proíbe
Que o pau com força ao longe acompanhe.
Ai, Gonçalo infeliz, que dura estrela
Maligna cintilou quando nasceste!
Depois de mil trabalhos insofríveis,
Onde o gosto esperavas, e o sossego,
Viste nascer estragos, e ruínas.
Assim depois dos últimos combates,
Que as margens do Scamandro ensanguentaram,
O Rei potente d'Argos, e micenas,
Esperando abraçar saudoso os Lares,
Abraça o ferro de uma mão traidora.
Fechadas tem o experto Tio as portas:
Volta Gonçalo, encontra novos golpes,
E jaz enfim por terra. Ferve o sangue
Da boca, e dos ouvidos: sem acordo,
Apenas se conhece que inda vive;
Mas tem glória de trazer consigo
A derrotada estúpida Ignorância.
Ela reina em seu peito, e se contenta
De ter roubado aos muros de Minerva
De fracos cidadãos o preço inútil.

Goza, monstro orgulhoso, o antigo império
Sobre espíritos baixos, que te adoram;
Enquanto à vista de um Prelado ilustre,
Prudente, pio, sábio, e justo, e firme
Defensor das ciências, que renascem,
Puras as águas cristalinas correm
A fecundar os aprazíveis campos.
Brotam as flores, e aparecem frutos,
Que hão de encurvar com o próprio peso os ramos

Nos belos dias da estação dourada.
Possas a robusta mão, que o cetro empunha,
Lançar-te num lugar tão desabrido,
Que te sejam amáveis os rochedos
Onde os coriscos de contínuo chovem.



SONETO

A Terra oprima pórvido luzente,
E brilhante metal, que ao céu erguidos
Os altos feitos mostrem esculpido
Do rei, que mais amou a lusa gente.

Esteja aos régios pés dragão potente,
Que tanto os povos teve espavoridos,
Cos tortuosos colos suspendidos
No gume cortador da espada ardente.

Juntas as castas filhas da memória
As brancas asas sobre o trono abrindo
Assombre a dourada, e muda História.

Ao Índio livre já cantou Termindo.
Que falta, grande Rei, à tua glória;
Se os louros de Minerva canta Alcindo?

E. G. P.



SONETO

Enquanto o grande rei coa mão potente
Quebra os grilhões do erro, e da Ignorância,
E enquanto firma com igual constância

À ciência imortal trono luzente,

Nova musa de clima diferente
Canta do pai da pátria a vigilância,
Vingando a mãe das luzes da arrogância,
Com que a despreza o estúpido indolente.

O Monstro de mil bocas sem sossego,
Que a glória de José vai repetindo
Ou sobre a terra, ou sobre o imenso Pego:

Com ela o nome levará d'Alcindo
Desde a invejada margem do Mondego
Ao pátrio Paraguai, ao Zaire, ao Indo.

L. F. C. S.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com